

DIÁLOGOS ENTRE LITERATURA E MÚSICA: CONTO “DA PAZ” DE MARCELINO FREIRE E A LETRA DA CANÇÃO “A PAZ” DA BANDA ROUPA NOVA EM SALA DE AULA

Maria Vitória Santos Sousa¹
Maria Cleunice Fantinati da Silva²
Cristiano Roberto Piccini³
Hemylli Mansilha Defino⁴

RESUMO

Este estudo tem por objetivo fazer um levantamento da produção literária e crítica sobre do escritor brasileiro Marcelino Freire quanto à elaboração estética e à forma de denúncia social. Em seguida, apresentar em sala de aula para duas turmas de 2º anos do curso Técnico em Manutenção, Suporte e Informática Integrado ao Ensino Médio do IFMT- campus avançado Tangará da Serra. Para tanto recorreremos, ademais da teoria literária, aos estudos socioculturais para auxiliar-nos nessa investigação uma vez que as relações entre literatura, história e são inerentes à produção de Freire. Objetivou-se formar o posicionamento crítico dos alunos para a produção textual tematizando a paz. Os procedimentos metodológicos iniciaram com duas aulas sobre o escritor e a apresentação levantamento sua produção e a fortuna crítica sobre suas obras. Na aula seguinte foi realizada a leitura do conto “Da Paz” de Marcelino Freire do livro Rasif- mar que arrebenta (2008) e da letra da música “A Paz” da Banda Roupa Nova. Em sala de aula realizou-se a leitura seguida da apresentação da música na voz da banda citada. Promoveram-se debates sobre a temática dos textos e, em seguida assistiu-se ao vídeo do escritor narrando sobre a produção do conto. Por último, a produção textual a partir da interpretação dos alunos sobre as temáticas contidas nos dos textos. Considera-se que os resultados atenderam às expectativas da proposta da atividade, pois os alunos conseguiram argumentos para se posicionar criticamente em suas produções.

Palavras-chave: Literatura e Música, Produção Textual, Ensino Médio, Marcelino Freire, Escritor.

INTRODUÇÃO

Marcelino Freire é Pernambuco, nascido em 1967, atualmente residente em São Paulo e vem se destacando na literatura contemporânea brasileira por uma escrita caracterizada pela oralidade, recordando ao ritmo da literatura de cordel. Exatamente por pertencer a uma geração

¹ Aluna do Curso Técnico em Manutenção Suporte e Informática do IFMT- campus avançado Tangará da Serra-MT, mariavimsi@gmail.com

² Professora Mestra- Língua Portuguesa/Literatura e Espanhol do IFMT-campus avançado Tangará da Serra e Doutoranda PPGEL- Estudos Literários -UNEMAT. maria.silva@ifmt.edu.br

³ Aluno do Curso Técnico em Manutenção Suporte e Informática do IFMT- campus avançado Tangará da Serra-MT, cristianopiccini@icloud.com

⁴ Aluna do Curso Técnico em Manutenção Suporte e Informática do IFMT- campus avançado Tangará da Serra-MT, hemyllimansilha15@gmail.com.

contemporânea da literatura brasileira, suas produções ainda carecem de estudos críticos quanto ao lugar que ocupam no cenário literário e seu valor estético. Uma escrita que versa sobre temáticas como violência, fome, morte e homossexualidade nos instiga a verificar os aspectos histórico-culturais que a vincula às marcas de violência. Nesse sentido, buscaremos evidenciar também o processo pelo qual a memória coletiva torna-se matéria de ficção nas narrativas de Freire. Para tanto recorreremos, ademais da teoria literária, aos estudos socioculturais para auxiliar-nos nessa investigação uma vez que as relações entre literatura, história e memória são inerentes à produção de Freire.

Apesar dos anúncios por parte de teóricos, ao longo do século passado, que sinalizavam para o fim da literatura, ela não morreu. Prova clara está na manutenção da tríade literária formulada por Antonio Cândido – autor-obra-leitor, em relação às produções literárias contemporâneas. No caso específico da literatura brasileira ela tem contado com várias obras de destaque que têm angariado inúmeros prêmios em Feiras e Concursos Literários, além de atrair a atenção de pesquisadores e críticos da academia.

Dentre os escritores contemporâneos pode-se destacar aqui nomes como Márcio Sousa, Milton Hatoum, Antônio Torres, Luiz Ruffato, Marçal Aquino, Marcelino Freire. Também temos escritoras brasileiras contemporâneas como Patrícia Melo, Débora Ferraz, Conceição Evaristo e Veronica Stigger são autoras com grande reconhecimento nacional e internacional.

O estudo é de cunho bibliográfico e busca investigar a escrita literária de Marcelino Freire quanto ao emprego da oralidade e das rimas como recursos de denúncias sociais. Analisa os elementos histórico-culturais que se vinculam às marcas de violência presentes na narrativa de Freire.

Na tentativa promover uma melhor aprendizagem nas aulas de literaturas, pensou-se na proposta de atividade de leitura, interpretação e produção de texto a partir do conto de Marcelino Freire “Da Paz” e a música da banda Roupas Novas “A Paz”. O objetivo foi possibilitar a reflexão crítica sobre a temática da paz no conto e na música, visando a interpretação e produção textual de duas turmas de 2º anos do curso Técnico em Manutenção, Suporte e Informática integrado ao ensino médio do IFMT- campus avançado Tangará da Serra.

A atividade justificou-se por apresentar a proposta de leitura literária relacionada à música, pois literatura humaniza e refere-se a um recurso importante para a formação crítica dos alunos. Os procedimentos metodológicos adotados para a execução da atividade foram os seguintes: no primeiro momento realizou-se a leitura alternada por dois alunos do conto “Da Paz” de Marcelino Freire em seguida colocou-se a música.

Quanto às produções de Marcelino Freire que fizeram parte do levantamento para análise foram: *Angu de Sangue* (2005), *Contos negreiros* (2005), *Rasif - mar que arrebenta* (2008), *Amar é crime* (2011) e *Nossos ossos* (2013). Em relação ao aporte teórico crítico foi utilizado na construção deste estudo destacam-se: Walter Benjamin (2013), Gérard Genette (1979), Antonio Candido (2009), Karl Eric Schöllhammer (2009) e outras bibliografias complementares.

METODOLOGIA

Para a pesquisa de levantamento de informações sobre a produção do escritor e o posicionamento da crítica é importante salientar que se trata de uma pesquisa de cunho bibliográfico que, segundo Gil (2002), desenvolve-se ao longo de uma série de etapas. Deste modo, primeiramente serão levantados os materiais bibliográficos sobre o assunto que fornecerão os dados essenciais para a elaboração do trabalho.

Os procedimentos metodológicos para as atividades em sala de aulas iniciaram a partir da apresentação em slides sobre a produção do escritor contemporâneo. Os livros de Freire, utilizado na pesquisa, foram levados para a sala de aula e apresentados aos alunos. O contato com o livro pode despertar no aluno o desejo de ler a obra completa. Depois foi entregue o conto “Da Paz” de Marcelino Freire e a letra da música “A Paz” da Banda Roupa Nova, impressos. Realizou-se a leitura seguida da apresentação da música na voz da banda citada. No segundo momento promoveu-se um pequeno debate com o intuito de averiguar a percepção dos alunos sobre as divergentes propostas de paz contidas nos dois textos. Foi apresentado o vídeo disponível no *youtube*, intitulado Marcelino Freire lê o texto “Da Paz”.

No terceiro momento promoveu-se um debate, pois a partir do posicionamento do próprio autor sobre a produção do conto “Da Paz” os alunos encontravam-se munidos de novos argumentos. Terminado o debate partiu-se para a produção textual onde puderam expressar seus posicionamentos sobre os diferentes modos de interpretar a paz.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A violência começa a deixar suas marcas na história nacional a partir da imposição do colonizador contra o indígena e sua cultura, praticamente aniquilando suas raízes. Dentre tantos atos de violência tratados na literatura brasileira, *Navio Negreiro* (1869), do poeta baiano Castro Alves é um grande exemplo de denúncia da violência contra o povo africano transportado em

condições desumanas. Vejamos: “Num clamor o eu lírico grita “Meu Deus dos desgraçados!” [...] tanto horror perante aos céus?! [...] E assim zombavam da morte, /Dança a lúgubre coorte/ Ao som do açoute... Irrisão... [...]” (ALVES,2013, p.17). O sofrimento marcado nestes versos expressa toda a dor e horrores que homens praticam contra outros homens, pois alguns julgavam-se superiores, e a dor é poetizada como denúncia, pois

Em o navio negreiro, Castro Alves opõe a natureza harmoniosa à brutalidade da escravidão e convoca os homens a colocarem-se contra esse horror. E em Vozes d’África, apresenta o martírio do continente, que é personificado para expressar a dor e a indignação com o cativo de sua gente. (ALVES,2013, p.12).

Neste sentido, considerando o processo histórico brasileiro, a violência social e a tensão de classes presentes nas narrativas contemporâneas são consequências nocivas da escravidão. Na atualidade, os reflexos dessas injustiças sociais e econômicas são gritantes nos grandes centros urbanos. Alguns escritores contemporâneos assumem a voz dos marginalizados e os colocam gritando nas páginas de sua produção literária.

A produção literária de Marcelino Freire remete à conhecida literatura de cordel e traz à tona uma série de excluídos juntamente com seus discursos. As prostitutas, os pobres, os homossexuais, os considerados miseráveis e esquecidos ganham voz nas obras deste escritor pernambucano. Portanto, como assinalara Ferraz (2009), as personagens marginalizadas desta literatura promovem a denúncia das mazelas da sociedade e automaticamente a conscientização dos direitos sociais que deveriam atender a todos os brasileiros

Nesta perspectiva, essa literatura ganha corpo e passa a servir de instrumento de educação e informação. E continua servindo à literatura moderna, pois na contemporaneidade diversos escritores recorrem à oralidade musicalizada para dar vida a personagens invisíveis para a atual sociedade, pois são sujeitos que continuam desprovidos de outros recursos para serem ouvidos. Essas personagens habitam a literatura de Freire e tendem para representar a realidade daqueles que são colocados à margem da sociedade deixando transparecer uma relação de proximidade com as raízes do próprio autor. Entende-se que

[...] há uma relação estreita entre personagem e autor. Este a tira de si (seja da sua zona má, da sua zona boa) como realização de virtualidades, que são projeção de traços, mas sempre modificação, pois o romance transfigura a vida. O vínculo entre autor e a sua personagem estabelece um limite à possibilidade de criar, à imaginação do romancista, que não é absoluta, nem absolutamente livre, mas depende do limite do criador. [...] (CANDIDO, 2009, p. 67-69).

As personagens sempre têm algo de imaginário ainda que extraídos da realidade. Pois são, “basicamente, uma composição verbal, uma síntese de palavras, sugerindo certo tipo de

realidade. Portanto está sujeito antes de tudo, às leis de composição das palavras” (CANDIDO, 2009, p. 78).

A temática da violência nos contos de Marcelino Freire é exposta em uma prosa enxuta que chega aos ouvidos do leitor soando certa musicalidade. Essa violência ritmada ganha expressão através da simulação da oralidade. Trata-se, segundo Barbosa (2015), de “sábria articulação entre oralidade a técnica do discurso direto”. O recurso rítmico está frequentemente presente na produção literária de Freire em que narrativa e musicalidade se imbricam aproximando-se da realização do poema, porque

Sua paixão por sons e palavras é o que torna a sua prosa tão próxima da poesia do teatro, (e o que faz tão difícil de ser traduzida para outras línguas diriam os preguiçosos). Mas não podemos deixar de lado seu talento como contador de histórias, seu olhar agudo para os miseráveis, para os abençoados. (NAZARIAN, 2008, p.15-16).

Freire, em entrevista para a Revista Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, ao comentar sobre o conteúdo de sua produção literária, assinala que a violência é tematizada por escritores que não se permite ficar na invisibilidade, como Ferréz e Luiz Ruffato e acrescenta:

Eu não digo que escrevo *sobre* violência, eu digo que escrevo *sob* violência. Minha literatura conversa com a literatura de Ferréz, eu creio. Eu sou periférico. O nordestino é periférico. Eu carrego o Nordeste periférico comigo. Meus pais sertanejos, o bairro pobre onde eu morei no Recife, ter chegado em São Paulo desempregado, tendo indo morar na periferia de São Paulo, em um bairro chamado Jardim Aricanduva, depois em Guaianases, tudo isso me faz sentir muito irmão dessa literatura periférica que fazem Ferréz, Sérgio Vaz, Sacolinha, [...] (GRÜNNAGE et.al , 2015, p. 458 - 449).

As palavras de Freire conduzem para as perspectivas de Walter Benjamin sobre a narrativa, uma vez que “imprime-se na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso” (BENJAMIN, 2012, p. 221). Ou seja, escreve a partir da comunidade em que está inserido. Além disso, a matéria de mistura sonora entre ficção e repente, remete “à experiência que passa de boca em boca”, considerada pelo filósofo alemão como a fonte a que recorrem todos os narradores. A narrativa repentista, que transmite a experiência, no caso a tradição nordestina, é com facilidade transposta por Freire para a literatura. A realidade e ficção se fundem de tal maneira na literatura considerada marginal em que narrador e personagem caminham juntos no plano real e ficcional e, na perspectiva de Ferréz,

[...] Esta vertente literária reúne escritores considerados marginais não apenas pela temática que tratam, mas principalmente pela origem social: muitos são ex-presidiários ou moradores da periferia e, portanto, lidaram de forma direta

com a violência. [...] O viés político da Literatura Marginal pode ser notado pela prática de engajamento político do escritor marginal através de uma literatura através de uma literatura menos elitista, que prioriza a oralidade semelhante àquela praticada pelos leitores a qual, geralmente, seu texto se destina (FERRÁZ, 2009, p.32).

Essas narrativas em que os marginalizados ganham vida e espaços estão diretamente interligadas às narrativas de personagens que vivem em situações extremas de complexidade.

A narração é feita na perspectiva de quem vive a miséria ou a exclusão. Barbosa considera que as vozes narrativas que permeiam os contos de Freire são:

[...] quase em sua totalidade, vozes de personagens que são restos (no sentido literal e figurado) da experiência rural, estilhaçadas pela força da adaptação ao universo, também ele estilhaçado e violento da existência urbana. [...] E como não existe distanciamento na mistura, da voz narra é a mesma que experimenta, e sofre, o narrado e, por isso, a escrita da oralidade parece ser adequada da liga que resultou da experiência (BARBOSA, 2005, p.12-13).

Neste sentido, cada autor usa as próprias lembranças e também a memória coletiva sobre fatos reais para a construção de narrativas e imagens. Da fonte das inventivas orais, na perspectiva de Walter Benjamin nascem as melhores narrativas. Parece que a própria vida é a narrativa enquanto história, pois muitas vezes percebemos nossas vidas entrelaçadas com outras histórias. Neste sentido, pode-se considerar que

[...] narrativa designa o enunciado narrativo, o discurso oral ou escrito que assume a relação de um acontecimento ou de uma série de acontecimentos [...]. [...] narrativa designa à sucessão de acontecimentos, reais ou fictícios, que constituem o objecto desse discurso, e as suas diversas relações de encadeamento, de oposição, de repetição, etc. [...] (GENETTE, 1979, p. 23-24).

Em *Nossos ossos* (2013), Freire dá voz ao personagem protagonista Heleno. Numa sequência de episódios não cronológicos Heleno narra a sua trajetória de vida. O sofrimento latente do narrador personagem o conduz ao passado rememorando infância, adolescência e o envolvimento com Carlos. O retorno ao presente representado pelo *boy* morto. Heleno não foge do compromisso firmado com sua própria consciência: o de entregar o corpo *boy* assassinado aos pais em algum lugar de Pernambuco.

Um dos contos de *Angu de Sangue* (2005), intitulado *Socorrinho*, refere-se ao caso de uma menina mulata, Maria do Socorro Alves da Costa, que numa rua aparentemente movimentada foi sequestrada e violentada: “[...] em contramão, suada, pelos carros, sobre os carros, carros,..., algumas buzinas, céu de gasolina, ozônio, [...]” (FREIRE, 2005, p. 47). À

sequência de fatos ininterruptos acontece um sequestro de uma menina praticamente invisível pela sociedade, pois,

Numa longa frase que se desenvolve por duas páginas e meia, o relato do sequestro de uma menina de rua é contado sem detalhes nem descrições, apenas deixando marcas *staccato* de uma apressada fala sobre o papel. Freire procura as vozes sem voz, os murmúrios marginais que não se transformam em linguagem, reprimidos, mas também rudes e vingativos que se estranham nas ruas, no chão queimado do Nordeste e nos infernos vários do Brasil. (SCHÖLLAMMER, 2009, p.68).

Nessa apressada fala deixada sobre o papel nota-se que escritor contemporâneo necessita de urgência para narrar. O próprio Marcelino Freire comentou um aspecto dessa urgência ao lançar o livro *Rasif: mar que arreventa* (2008). Ele diz que de fato, escreve curto e, sobretudo, grosso. “Escrevo com urgência. Escrevo para me vingar. E esta vingança tem pressa. Não tenho tempo para nhenhênhs. Quero logo dizer o que quero e ir embora”. (FREIRE, *apud* SCHÖLLAMMER, 2009, p.10). Essa pressa para narrar pode estar relacionada ao ritmo urbano, pois sempre surgem outras situações que necessitam ser narradas. Os sujeitos excluídos se rebelam e automaticamente se revelam ao se narrar através das falas e dramas do cotidiano periférico e violento.

Freire em seus contos recorre ao recurso das rimas, seus textos transcendem a oralidade aproximando-se de uma linguagem poética que canta o sofrimento. Poderia ser a luta incansável com as palavras no processo de criação carregada de ritmo embalando a dor sufocada no coração dos marginalizados que sofrem com a violência extrema. Porque as narrativas do escritor emanam determinado poder para trazer para as páginas da literatura personagens marginalizados, invisíveis em nossa sociedade.

ATIVIDADE DE LEITURA LITERÁRIA E MÚSICA EM SALA DE AULA

O ensino e a literatura estão sequenciados a um mesmo processo de aprendizagem, o que os tornam distintos é o modo como qual são trabalhados na sociedade. A literatura é uma ferramenta de reflexão que propicia ao ser humano repensar sobre seu papel na sociedade, bem como revolucionar a realidade à sua volta a partir da leitura, ampliando seu conhecimento. O crítico literário Antonio Candido considera que o texto literário atua em grande parte no inconsciente e no subconsciente e nisto está a importância da literatura na busca do equilíbrio

humano, já que “assim como não é possível haver equilíbrio psíquico sem o sonho durante o sono, talvez não haja equilíbrio social sem a literatura” (CANDIDO, 2004, p.176).

A música como instrumento educacional é uma adaptação feita pelos professores a fim de obter um melhor rendimento dos alunos na sala de aula. O uso da música é um recurso alternativo que facilita o ensino viabilizando a popularização da Ciência e atuando como um instrumento de registro da vida cotidiana pela visão dos autores que retratam o contexto social em que vivem, pois quando os alunos entram em contato com essas evidências são permitidos a eles o entendimento do passado e sua compreensão histórica. Trata-se de uma estratégia que motiva os jovens e que pode ser utilizado de forma interdisciplinar [...] (OLIVEIRA et.al. 2008, p.3). A música é uma produção humana que pode concebida como uma ferramenta de apoio ao ensino sendo de fácil assimilação. A música pode atingir indeterminado número de pessoas independentemente da idade, possibilitando uma produção importante na aprendizagem.

BREVE ANÁLISE DO CONTO “DA PAZ” DE MARCELINO FREIRE E DA LETRA DA CANÇÃO “A PAZ” DA BANDA ROUPA NOVA

Como objeto de análise, o presente trabalho visou demonstrar a inserção da música no contexto de literatura e ensino como um instrumento de apoio pedagógico educacional, sendo assim analisada uma obra de Marcelino Juvêncio Freire, intitulada de “O conto da Paz” e uma música intitulada “A Paz” da Banda Roupa Nova. O conto “Da Paz” segundo o escritor Marcelino Freire fez esse conto por causa de uma movimentação que ocorreu em São Paulo em prol da Paz.

A personagem criada pelo autor compartilha a indignação diante de um movimento que não vai solucionar os problemas daqueles que se situam a margem da sociedade. Como pode uma mãe embalada pela dor da perda de seu filho participar de um movimento que não mostra a realidade. Encontraria uma mãe que perdeu seu filho assassinado a paz numa passeata promovida por aqueles que estão do outro lado? Porque segundo a personagem “A paz nunca vem aqui, no pedaço. Reparou? Ela Fica lá ó, lá! [...] A paz não mora aqui no meu tanque. A paz é muito branca. A paz é pálida. A paz precisa de sangue” (FREIRE, 2008, p.26).

A personagem está farta de falsidade ela representa as inúmeras mulheres que vivem na periferia. Mulheres sem esperanças que perderam filhos neste espaço em que a paz não reside. A paz mostrada na televisão não existe para aqueles são marginalizados pelo sistema capitalista. Esse movimento, na perspectiva da personagem mobiliza as pessoas que vivem longe das favelas.

A PAZ E SEUS SIGNIFICADOS NA CONCEPÇÃO INTERPRETATIVA DOS ALUNOS DO SEGUNDO ANO DO ENSINO MÉDIO

A análise será realizada a partir de recortes extraídos de alguns textos produzidos pelos alunos envolvidos nesta atividade. Considerando a existência de interpretações com sentidos semelhantes serão citados apenas quatro fragmentos. Os alunos serão denominados por letras alfabéticas sequencias. Na interpretação do aluno **A**, o conto Da Paz de Marcelino Freire remete ao [...] fato de que a paz é totalmente falsa e que nos dias de hoje não há paz, pois estamos em uma sociedade completamente violenta e difícil de viver. O texto remete a isso na frase “Quem via ressuscitar o meu filho, o Joaquim? [...]”. A percepção do aluno encontra-se com a posição do autor contemporâneo que tematiza a violência dos grandes centros urbanos. Espaço em que a paz parece não residir.

O fragmento selecionado do aluno **B** é sobre a música “A Paz” da Banda Roupas Nova. Este aluno diz que

[...] a letra fala sobre a paz interior, que reside no seu coração e no coração de todos. É uma música muito bonita que fala sobre amor e ajudar o próximo, pois a terra tem que estar unida para mostrar o verdadeiro sentido da vida [...]. (ALUNO B, 2018).

Neste sentido, entende-se que o aluno interpretou que música apresenta da paz uma visão de amor e alegria e numa perspectiva de felicidade eterna. Retrata todo esse desejo de uma nação mais unida e de uma possibilidade real de um futuro próspero com tal alegria. Na realidade a letra da música traz essa mensagem de paz universal, ou seja, que a paz é para todos. Na interpretação do aluno **C** o conto de Marcelino Freire mostra que

[...] O estado de paz é normalmente sentido pelas classes sociais privilegiadas, ou seja, o branco, o rico, o homem. Enquanto que as pessoas que estão na escória da sociedade o pobre, o negro, a mulher, enfim, as minorias precisam ir diariamente contra o sistema para conseguirem se estabelecer cidadãos. Portanto, para a maior parcela da sociedade brasileira a paz funciona como ilusão, utilizada para persuadi-los e conseqüentemente mantê-los em conformidade com as regras do estado[...]. (ALUNO C, 2018).

Deste modo, nota-se que para o aluno **C** a paz está dividida, pois de um lado estão os bens sucedidos na vida e do outro lado estão os marginalizados, o pobre, o negro, a mulher. A interpretação visualiza as marcas do processo de colonização interpretada a partir do conto de Freire e da música a Paz de Roupas Nova. No conto a paz é tratada como uma vilã que estraga a vida de muitos e faz o papel de boazinha se engajando em meios políticos governamentais e

que se encontra apenas em uma teoria que enfatiza a vida dos poderosos deixando a margem os pobres favelados, os negros. Entende-se que a paz é mesmo excludente. O aluno **D** diz que o conto expressa o oposto da canção e que faz referência: [...] aqueles que são menos favorecidos. Aqueles que vivem meio ao caos. Partindo disto, o conto também tem o intuito de tocar-nos, porém de uma forma diferente [...]. Parafraseando as palavras do aluno **E**, cabe aos representantes políticos pararem de mobilizar a sociedade em prol de seus próprios interesses e que mostrem a realidade nas mídias sociais, pois que a paz não é uma coisa para brancos ricos, mas que todos podem ter. Na perspectiva do aluno a paz é um direito de todos, mas que prevalece apenas em determinados discursos.

Dentre os textos produzidos pelos alunos teve alguns que consideram a paz como utópica, pois o mundo vive em guerras. Outros comentaram que a paz é quase impossível, pois os homens são gananciosos e tudo fazem para explorar o outro. Estes alunos trataram a questão de exploração dos menos favorecidos que são explorados cotidianamente não só nos grandes centros, mas também nos recantos do nosso país. E, a dor é silenciada, talvez pelo medo de perderem as migalhas que lhe sobram.

Por fim, aqueles que comentaram que a paz está em cada um de nós e o importante é sentir-se bem indiferente da situação. Este posicionamento de alguns alunos fez com que outros se colocassem em defesa dos oprimidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura nos possibilita não apenas uma visão mais ampla, mas visões múltiplas do mundo, o que é muito importante para a formação crítica humana, por isto não ser deixada para depois. Cabe ao professor pensar em estratégias para trabalhar textos literários para que a criticidade do aluno seja aguçada.

Considera-se que a atividade instigou a criticidade dos alunos enquanto sujeito leitor, pois a leitura literária fortalece o papel social da linguagem, uma vez que é a partir dela e por meio dela que se possibilita o trânsito sociocultural com eficiência. Neste sentido, a proposta da atividade a partir da literatura relacionada à música resultou na produção textual dos alunos possibilitando uma nova reflexão sobre a temática da paz que na maioria das vezes é mostrada com sentido único de busca por felicidade como se fosse algo simples e fácil de obter.

Os recursos alternativos podem exigir, por parte do professor, maior empenho, mas oportuniza ao aluno outra maneira de reflexão para obter argumentos munidos de criticidade sobre determinados temas. Assim unir literatura e música possibilita adentrar no mundo

literário, pois suas letras conduzem a interpretar as críticas presentes sobre a sociedade. A literatura transforma e humaniza e as propostas para trabalhar em sala de aula devem ser apresentadas de diversas maneiras na tentativa promover a reflexão levando o aluno a pensar sobre a realidade que o cerca. A formação crítica através da leitura literária é fundamental para ações autônomas, tanto no plano individual quanto coletivo, na sociedade.

A atividade proporcionou um debate fervoroso entre os alunos e seus posicionamento referente a paz. Enquanto a música traz um alento, a eperança de um mundo melhor o conto de Marcelino Freire afirma categoricamente, por meio da voz da personagem que perdeu o filho assassinado na favela que a paz não existe.

Os alunos usaram citações do conto para defenderm seus pontos de vistas, como por exemplo, “ Eu não sou da paz. Não sou mesmo não. Não sou. Paz é coisa de rico”. (FREIRE.2008 p. 25). A literatura consegue trazer fatos como esses para a discussão. A personagem incorpora a realidade e representa todas as mães que perderam seus filhos para a violência.

Outro ponto interessante foi que os alunos conseguiram visualizar no conto o preconceito e o racismo presente em nossa sociedade. A revolta da personagem no conto “Da Paz” diz que “A paz é muito falsa. A paz é uma senhora. Que nunca olhou na minha cara. Sabe a madame? A paz não mora no meu tanque. A paz é muito branca. A paz é pálida. A paz precisa de sangue”. (FRERE, 2008. P. 26). Esta parte do conto repercutiu na discussão, pois que inventou a paz branca, certamente não foram os negros e seus descendentes. A paz sempre precisou de sangue para se manter branca, ou seja, o processo de colonização exigiu o sangue de tantos negros. A “libertação” dos escravos os encurralaram nos subúrbios, nas encostas dos morros, nas favelas e o sangue ainda precisa ser derramado para manter a paz “branca”.

Por outro lado temos os alunos que consideram que a paz pode ser possível através do amor, pois “Só o amor, muda o que já se fez/E a força da paz junta todos outra vez/ Venha, já é hora de acender a chama da vida/ E fazer a Terra inteira feliz/”. A posição destes alunos também é válida, pois o amor é necessário e a esperança de fazer a terra inteira feliz vem perdurando desde que o homem se compreende como ser pensante. Existe a necessidade de ter aqueles que acreditam na possibilidade de Paz universal um dia. Talvez são estes que contém o ódio e as guerras.

A atividade desenvolvida foi relevante, pois trabalhou-se a leitura literária, a letra da música, a produção textual a partir do posicionamento do aluno sobre a questão da paz. Possibilitou o desenvolvimento da produção escrita e o debate o posicionamento crítico dos alunos. A literatura possibilita a interação com outras artes e com outras disciplinas, pois

também foi trabalhado um pouco do processo histórico do Brasil no início da sua colonização até a atualidade.

REFERÊNCIAS

ALVES, Castro, 1847-1871. O navio negreiro e Vozes d'África / Castro Alves. [recurso eletrônico] – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2013. Acesso em 03/02/2018.

BARBOSA, João Alexandre. **Prefácio**. In: FREIRE, Marcelino. *Nossos Ossos*. 2 ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

CANDIDO, A. A Personagem do Romance. In: **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2009, p.51-80.

_____. O direito à literatura. In: *Vários escritos*. 4ª ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas Cidades/Ouro sobre Azul, 2004, p. 169-191.

FREIRE, M. *Angu de Sangue*. 2 ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2005.

_____. *Rasif: mar que arrebenta*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

_____. *Nossos ossos*. Rio de Janeiro: Record, 2013.

_____. *Contos Negreiros*. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2014.

FERRAZ, F. H. U. Testemunho e oralidade nos contos de Marcelino Freire: um olhar além da violência. *Terra roxa e outras terras* - Revista de Estudos Literários. Vol.15 – Londrina: 2009. Disponível em: <<http://www.uel.br/pos/letra/terraroxa>>. Acesso em 07/09/2018.

GENETTE, G. *Discurso da Narrativa*. Trad. Fernando Cabral Martins. Lisboa: Arcádia, 1979.

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisas*. 4. ed. São Paulo: Atlas S.A., 2002.

GRÜNNAGE, C. & WIESER, D. “Sou um homossexual não praticante”: entrevista com Marcelino Freire. *Revista Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n. 45, p. 445-462. Universidade de Brasília: Brasília, 2015. Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/3231/323138448026.pdf>. Acesso 03/02/2018.

NAZARIAN, S. Apresentação – Explosões. In: **Rasif: mar que arrebenta**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

OLIVEIRA, A. D.'Acqua de; ROCHA, D. C.; FRANCISCO, A. C. de. A ciência cantada: um meio de popularização da ciência é um recurso de aprendizagem no processo educacional. Seminário Nacional de Educação Profissional e Tecnológica, 2008, Belo Horizonte. Anais eletrônicos. Disponível em: <http://www.senept.cefetmg.br/galerias/Arquivos_senept/anais/quarta_tema1/.pdf>. Acesso em: 30 set. 2018.

SCHÖLLAMMER, K.E. *Ficção brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

NOVA, Roupas et al. A Paz. *Letras*: [s.n.], [s.n.]. [s.n] p. v. [s.n.]. Disponível em: <<https://www.letas.mus.br/roupa-nova/1109626/>>. Acesso em: 27 set. 2018.